

## BARCELOS (Rio Covo - Santa Eulália)

Rio Covo (Santa Eulália) foi uma freguesia portuguesa até à reforma administrativa de 2013. Nesta data foi agregada à de Silveiros formando a União das Freguesias de Silveiros e Rio Covo (Santa Eulália), do concelho de Barcelos. Para chegar à igreja de Santa Eulália de Rio Covo, sair de Barcelos pela avenida Sidónio Pais/ N103, passar uma rotunda e na segunda seguir pela primeira saída; na rotunda seguinte seguir pela segunda saída, depois curva ligeira à direita e, mais à frente, virar à direita seguindo a indicação outros destinos. Virar à direita para a estrada M556 e, na rotunda sair na primeira saída; na segunda rotunda seguir pela segunda saída e na terceira rotunda seguir em frente para a rua do Sobreiro; na rotunda seguinte sair para a segunda saída e continuar para a estrada N103. Na rotunda seguinte, seguir em frente para a estrada N204. Cerca de 1,5 km depois virar à direita para a estrada M1519. Andar cerca de 2,3 km e virar à esquerda para a estrada M560 e logo a seguir novamente à esquerda. A igreja de Santa Eulália encontra-se um pouco mais à frente.

O enquadramento da igreja de Santa Eulália de Rio Covo é rural e está rodeada de habitações rurais e de campos de cultivo. Situa-se no contraforte nascente da extensão norte do Monte da Saia. O povoamento desta zona remonta ao período castrejo, como revelaram os vestígios achados durante as campanhas arqueológicas realizadas nos anos de 1998 e 2000. Neste local existiu um balneário termal romano, como atestam os achados relacionados com a condução e armazenamento da água. Pelo vale do rio Covo seguia uma estrada romana, como se depreende da designação *Karraria antiqua*. A primeira referência documental à localidade de Rio Covo data de 1121, onde se pode ler *in vila ubi dicent Riu Covo*, num documento de um fundo relativo ao mosteiro da Junqueira. Anteriormente, a localidade designava-se Silva Escura e Águas Santas.

### *Igreja de Santa Eulália*

A PRIMEIRA REFERÊNCIA à igreja de Santa Eulália é do ano 906 e está identificada numa composição entre Nausto, bispo de Coimbra, e Sisnando, bispo de Iria, onde se lê *pro ecclesia et villa vocabulo Sancta Eulalia que scita est in Silva Scura in territorio brakalensis sedis ubi dicent Aquas Sanctas*. Ainda hoje existe no local uma nascente de água a que o povo atribui propriedades particulares e que estará relacionada com as Caldas de Eirogo. A cristianização das virtudes terapêuticas das termas romanas refletiu-se no topónimo, tendo sido aí construída uma capela dedicada a Nossa Senhora.

No Censual do bispo D. Pedro, de finais do século XI, a freguesia era designada *Sancta Eolalia de Ribulo Covo* com a obrigação de pagar ao bispo um jantar.

Conhece-se uma referência ao mosteiro de Santa Eulália de Rio Covo no testamento do mestre Pedro Gonçalves, subdiácono e deão de Braga (anterior a 1166), relativa a uma divisão de terras entre o dito cenóbio e o mosteiro de São Martinho de Manhente.

A paróquia de Santa Eulália de Rio Covo está presente nas Inquirições de 1220. Os inquiridos afirmavam que o rei não detinha qualquer reguengo na freguesia, mas que pagavam a terça, por vezes a quarta ou ainda outras vezes a quinta ao rei. É ainda declarado que o rei não era o patrono. A igreja detinha aí searas e 18 casais.

Em 1249, Pedro Gonçalves de Barbudo, cônego de Braga, no seu testamento, deixa ao prelado de Santa Eulália de Rio Covo, Fernando Martins, 30 morabitinos.

A igreja de Santa Eulália foi construída na segunda metade do século XIII, e conhece-se um documento de 1290 que se refere ao *couto de Sancta Ovaia de Rio Covo*.

Um monumento funerário proveniente do adro da igreja de Santa Eulália tem uma inscrição gravada na tampa de sarcófago, e onde pode ler-se a data de julho de 1284

ISTE : TU / MULUS : EST : DOMINICI : PETRI : DICTI :  
SEQUEIRA : DE : BARCELUS : ET : PAS[sit] : / FUIT :  
MENSE : IULII : E(ra) : M : CCC : XX : II :



*Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste*

Segundo Mário Barroca, estamos perante a epígrafe funerária de Domingo Peres, dito Sequeira, natural de Barcelos. Barroca afirma que a arca tumular apresenta uma curiosa ornamentação de forte pendor popular e com elementos religiosos, geométricos e apotropaicos. Atualmente, o sarcófago conserva-se no Museu Arqueológico de Barcelos.

Em 1320, a igreja de Santa Eulália de Rio Covo foi taxada em 500 libras, segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do Reino, ordenado por D. Dinis. Trata-se de um valor bastante elevado, mesmo entre os mosteiros da Terra de Faria. Apenas o mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde contribuía com um valor superior: 1 500 libras. O mosteiro de Rates fora taxado em 400 libras.

Em abril de 1428, José Marques dá conta de um pleito relativo ao padroado de Santa Eulália de Rio Covo, cuja sentença foi favorável ao prelado bracarense.

O *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563) regista Santa Eulália de Rio Covo como uma das comendas novas dos 20 mil cruzados, criadas por D. Manuel no início do século XVI. Segundo a avaliação feita em 1548, a referida comenda rendia 100 000 reais e o seu comendador era Fr. D. João de Meneses.

Conforme inscrição gravada num dos silhares do arco cruzeiro, a igreja edificada na segunda metade do século XIII, sofreu uma grande remodelação, celebrada no ano de 1678:

ANNO 1678 DMNI

Segundo o registo nas Memórias Paroquiais de 1758, a igreja de Santa Eulália tinha quatro altares e não tinha naves.

A igreja de Santa Eulália de Rio Covo constitui um claro exemplo de acumulação de estratigrafias históricas. No conjunto, complexo, que hoje lhe dá corpo, prevalecem alguns testemunhos da época românica. Muito transformada após a época românica, sendo a última remodelação datada de 1752, a igreja tem uma só nave e cabeceira retangular. Se a nave, com sua fachada corresponde a um gosto pós Trento, a verdade é que a fábrica da cabeceira românica foi conservada, não obstante o arranjo interior então encetado. A sul da igreja foi recentemente edificada uma cripta para cumprir funções de salão paroquial, cuja inauguração ocorreu em 2004. Assume-se na sua linguagem modernista. A sua estrutura horizontal contrasta com a verticalidade da igreja, cujas torres do alçado oeste enfatizam. A edificação da cripta ao nível do subsolo e a ampliação da igreja sobre este, ditou a demolição completa do muro sul da nave, já transformada em meados do século XVIII.

É na cabeceira retangular que os testemunhos românicos se tornam mais significantes e, particularmente ao nível do exterior. Edificada em aparelho pseudo-isódomo,





*Alçado sul. Perspetiva geral da cabeceira*



*Alçado sul. Cabeceira. Cachorros*

e apesar de transformada durante a época moderna pela abertura de amplos janelões retangulares nos seus alçados laterais, dois por lado, conserva ainda um interessante conjunto de cachorros. A sua secção retangular denuncia o seu carácter tardio, tal como o facto de sustentarem uma profunda cornija, de ressaltio. Destacam-se pelo facto de serem esculpidos, permitindo identificar temas animalistas e representações de figuras humanas. A forma como os elementos esculpidos se ajustam ao quadro denunciam um carácter tardio. O gesto torna-se mais natural apesar do carácter fruste da representação. Na parede testeira da abside persiste estreita fresta que se rasga no paramento sem que lhe tenha sido criado qualquer elemento decorativo. As siglas alfabéticas que surgem em muitos silhares levaram Carlos Alberto Ferreira de Almeida a propor a segunda metade do século XIII como cronologia para a construção da edificação românica. Junto das fundações da abside, do lado sul, vemos três sarcófagos de tampa plana onde se esculpem ou estão incisos elementos característicos da época românica como as cruzes páteas ou aquilo que parecem ser espadas.

A sul da igreja, no espaço entre esta e a residência paroquial, foram identificados uma sucessão de enterramentos em caixa feitas com pedras avulsas e uma cronologia que acompanha a edificação da igreja românica, ou seja, o século XIII. Segundo Brochado de Almeida há nestes enterramentos indícios de reaproveitamentos de pedras, usadas como tampas de algumas sepulturas, e que proviriam de um edifício anterior. Terá sido também à custa deste que se edificou a igreja românica que as épocas moderna e

*Alçado este. Sepulturas medievais*







*Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental*



*Interior. Inscrição da parede testeira da nave*

contemporânea transformaram profundamente. Atendendo às características das peças reaproveitadas, o autor propõe que esta primeira edificação possa recuar ao período visigótico. De notar, aliás, que a diacronia ocupacional do sítio se iniciou no final da época castreja como confirmaram vários testemunhos arqueológicos.

Ao longo do alçado norte identificamos o reaproveitamento de silhares da fábrica românica, prática comum durante as ações de transformação e de ampliação registadas durante a época moderna. A esquadria dos silhares, as várias cicatrizes no paramento, a presença de cruzes de sagração patadas, de aduelas decoradas com pontas de lança ou quadrifólios e de peças em forma de aduelas que possivelmente identificam a localização dos primitivos portais laterais, confirmam esta hipótese.

No interior da igreja, da fábrica românica vê-se ainda no lado do Evangelho e em torno do arco triunfal silhares de granito, convocando a sua origem românica. Gravada em silhar encontra-se silhar reaproveitado na base da parede do lado direito com inscrição que Mário Barroca leu:

ERA : M<sup>a</sup> CC<sup>a</sup> VI<sup>a</sup>

Esta inscrição alude à Era de 1206, logo ao ano de 1168. Apesar de reaproveitada e de apenas aludir a uma data, é possível que corresponda à sagração ou dedicação da igreja. Junto desta vemos num outro silhar uma cruz de sagração.

Os retábulos e a espacialidade interna correspondem à intervenção pós-tridentina e a cobertura e o seu forro em madeira foram feitas de novo em 2000. Devem corresponder a esta campanha o ambão, a cadeira do sacerdote e o destaque policromo vermelho e azul das cruzes patadas, de sagração da nave.

Mais recentemente, em 2000, acrescentou-se à igreja um salão paroquial, a sul, comunicando com esta através da supressão total do muro da igreja. Esta ampliação foi inaugurada a 15 de agosto de 2004. Com a construção deste elemento, assumindo uma linguagem contemporânea, a igreja viu-se ampliada na sua largura quando observada a partir de oeste. A sul e isolado montou-se um arco,





Exterior. Arco do  
adro. Alçado este.  
Pormenor

de traça contemporânea, mas com intradorso quebrado. Na face voltada a oeste foram recompostos aqui diversos elementos românicos, de que destacamos diversas aduelas. Conforme nota Mário Barroca, nas campanhas de escavações arqueológicas realizadas a partir de 1998 foram encontradas 19 aduelas, correspondentes a três motivos distintos. Apesar do arranjo resultar de uma composição realizada durante a intervenção que inaugurou em 2004, nas aduelas de origem românica identificamos, pois, motivos lanceolados, losangos, motivos cordiformes e fitomórficos, que por vezes se estendem às duas faces das aduelas. A aduela do fecho, onde se representa o *Crismón*, é seguramente coeva da intervenção de recomposição atendendo ao seu desenho e à diferente qualidade do granito, muito polido. Em ambas as faces da estrutura envolvente do arco surgem ao modo de janelas de restauro peças de origem românica em granito e que por isso contrastam com o caído branco da estrutura.

Atualmente, cumpre a função de igreja paroquial e não tem qualquer proteção.

#### Bibliografia

ALMEIDA, C.A.B., 1999, pp. 33, 36-37; ALMEIDA, C.A.F., 1970, pp. 97-101; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 263; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 404 (de 1284, julho); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 147 (de 1168); BOISSELLIER, S., 2012, p. 137; COSTA, A.J., 1997-2000, I, p. 92, II, p. 29; LENCART, J., 2018, p. 472; MARQUES, J., 1988, p. 903; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 138-139; PMH, INQ., pp. 33, 112, 186, 233 (de 1220); PORTAL DO ARQUEÓLOGO, SIPA; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 1.1 (de 1166, março, 13), p. 38, doc. n.º 1.23 (de 1249, julho, 5), p. 94.



